

AS RICAS CONTRIBUIÇÕES DO REALISMO MÁGICO DE MURILO RUBIÃO PARA A LITERATURA BRASILEIRA

Emelson José Silva dos Santos

Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. Professor da rede pública municipal de Coronel João Sá - BA. Email: emelsonjose@hotmail.com

Jailda Evangelista do Nascimento Carvalho

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professora da rede pública de ensino do município de Coronel João Sá – BA, e da rede estadual de Sergipe. E-mail: jayldacarvalho@gmail.com

José Batista de Souza

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. Professor da rede pública municipal e estadual da Bahia. E-mail: jbdesouza@bol.com.br

RESUMO

Este trabalho versa sobre uma das figuras mais renomadas do realismo mágico brasileiro – o mineiro Murilo Rubião – um dos nomes mais célebres no campo da literatura fantástica nacional que, ao longo de sua trajetória como escritor, influenciou não apenas escritores de sua época, mas também, escritores de gerações posteriores, dedicados à literatura fantástica contemporânea. Atualmente, 73 anos após o lançamento de sua primeira obra, *O Ex-Mágico*, Rubião ainda é presença viva quando o assunto é a literatura fantástica nacional, uma vez que, a profundidade alcançada por suas obras (que usavam elementos do fantástico para abordar situações reais do cotidiano), é bastante apreciada tanto por leitores de sua época (em momentos nostálgicos ao relerem seus contos), quanto por leitores da geração atual (que percebem a atualidade de suas obras assim que fazem uma leitura cuidadosa das mesmas), o que nos faz compreender perfeitamente o motivo por que o autor demandava tanto tempo em seus escritos. Ele buscava, através de contos insólitos, a melhor linguagem possível, que expusesse não apenas o explícito, mas, principalmente, o que se encontrava nas profundezas do texto. Nesse contexto, esse trabalho objetiva apresentar os resultados de reflexões acerca da rica prosa de Murilo Rubião, a partir da análise de algumas de suas obras mais explosivas, quais sejam: *O Ex-Mágico da Taberna Minhota*, *O Pirotécnico Zacarias*, *Bárbara*, e *Teleco*, o *Coelhinho*.

Palavras-chave: Contos Insólitos. Literatura Fantástica. Murilo Rubião. Realismo mágico.

THE GREAT CONTRIBUTIONS OF MURILO RUBIÃO'S MAGICAL REALISM TO BRAZILIAN LITERATURE

ABSTRACT

This paper discusses about one of the most renowned figures of Brazilian Magical Realism, Murilo Rubião, one of the most important names in Brazilian fantastic literature who, throughout his career as a writer, has influenced not only authors of his time, but also many of later generations that dedicated their work to contemporary fantastic literature. Nowadays, 73 years after the release of Rubião's first work, *O Ex-Mágico (The Ex-Magician)*, he still lives on in Brazil's

fantastic literature, once that the depth reached by his works (that made use of fantastic elements to approach real everyday situations) is still much appreciated by readers of both his time and present days (who understand the contemporaneity of his works as soon as they read them carefully). This makes us perfectly realize the reason why the author needed so much time to finish his books. He sought, through unusual stories, the best language possible to expose not only what is explicit, but also – and mainly – what was hidden deep inside the text. In this context, this paper aims to show the results of reflections on Murilo Rubião's rich prose, through the analysis of some of his most explosive works: *O Ex-Mágico da Taberna Minhota* (*The Ex-Magician from the Minhota tavern*), *O Pirotecnico Zacarias* (*Pyrotechnician Zacharias*), *Bárbara* and *Teleco, o Coelho* (*Teleco, The Bunny*).

Keywords: Unusual Stories. Fantastic Literature. Murilo Rubião. Magical Realism.

1 INTRODUÇÃO

Dentre os campos da literatura brasileira, o fantástico é, sem sombra de dúvidas, um dos que se apresentam de forma mais tímida, em comparação com outros campos da literatura nacional e também, em comparação com a literatura fantástica ao redor do mundo. Isso porque é algo recente no cenário nacional, tendo suas primeiras aparições por volta do século XIX, em algumas obras de alguns escritores, a exemplo de Álvares de Azevedo, em *Noite na Taverna* (1855), Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e Mário de Andrade, em *Macunaíma* (1928).

Entretanto, faz-se mister ressaltar que, os elementos fantásticos dessas obras, não tinham as mesmas conotações do fantástico contemporâneo, afinal, esses autores faziam parte de escolas literárias bem definidas. O que atrelava o fantástico a essas obras, era a ideia de rompimento dos limites do possível que ora ou outra se observava nas mesmas, o que levava o leitor a questionamentos até então inexplicáveis, uma vez que essas obras não tinham propósitos especificamente voltados para o fantástico.

A literatura fantástica brasileira surge de fato no século XX, tendo como expoente o mineiro Murilo Rubião, ao lado de outros nomes importantes, a exemplo de José J. Veiga, Luís Bustamente e Dias Gomes. Mas, não se trata de uma literatura literalmente fantástica, como em suas origens iniciais, nas quais o espanto, o medo e a perplexidade diante do sobrenatural

Emelson José Silva dos Santos | Jilda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

e de criaturas horrendas e estranhas tomavam conta do leitor, mas de uma literatura em que os elementos sobrenaturais são tomados como acontecimentos inesperados do cotidiano, que acabam, naturalmente, se fundindo com o real e aceitos de forma natural pelas pessoas, sem qualquer tipo de questionamento.

Era assim que Murilo Rubião explorava o fantástico em suas obras, tendo como base o cenário urbano moderno, marcado pela correria, pela luta de espaço e de classes, pelas relações artificiais entre as pessoas, numa referência à realidade concreta vivenciada pelo homem, marcado pelo absurdo e pelos questionamentos da própria existência. Ele fazia isso com tanta propriedade, que o leitor, na maioria das vezes, não se questionava sobre coisas atípicas que ocorriam nos enredos de seus contos, por acharem algo normal a partir de uma visão mais aprofundada da realidade e de tudo o que a permeava.

Frente a essas considerações iniciais, algumas indagações se fazem necessárias: Por que o realismo fantástico de Murilo Rubião, com toda a sua notoriedade entre os críticos, não é tão divulgado no cenário literário nacional assim como são as demais vertentes literárias? Será que o simples fato de ele ter uma obra exígua corrobora para essa falta de divulgação? Ou será que o realismo fantástico, de modo geral, precisa ser mais explorado no campo literário nacional? Essas questões merecem atenção especial nesse trabalho, como outras que porventura surgirem ao longo do mesmo.

Nessa ótica, o objetivo de presente trabalho é apresentar alguns resultados de reflexões acerca da prosa de Murilo Rubião, a partir da análise de algumas de suas obras mais explosivas, quais sejam: *O Ex-Mágico da Taberna Minhota*, *O Pirotécnico Zacarias*, *Bárbara*, e *Teleco*, *o Coelho*.

Através da análise dessas obras, discutimos o potencial da prosa muriliana, a importância desse gênio do realismo mágico brasileiro, e o porquê de ele ser tão admirado no cenário literário nacional, pela crítica literária. Também exporemos durante esse trabalho, a necessidade de a rica obra de Murilo Rubião ser difundida nas escolas de norte a sul do país, para que não fique restrita apenas aos mineiros, aos acadêmicos e aos críticos literários, mas, que seja de conhecimento de toda a nação.

Emelson José Silva dos Santos | Jilda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

O estudo do realismo fantástico na literatura brasileira é de suma importância para o incentivo a esse tipo de produção e para o seu reconhecimento como parte relevante da literatura nacional. Assim, colocar essa vertente literária no bojo das discussões da área é questão *sine qua non* para o reconhecimento do potencial da obra de Murilo Rubião.

Para darmos conta do objetivo proposto, contamos com uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, a partir da revisão da literatura, com foco especial em quatro obras de Rubião.

Enfim, a partir desse trabalho, demonstramos uma postura de apreciação à obra de Murilo Rubião, esforçando-nos ao máximo para extrair dela as melhores interpretações possíveis do universo fantástico proposto por ele, tentando perceber o que ele quis que percebêssemos nos implícitos, através de elementos do sobrenatural aliado ao real, mas também, ultrapassarmos suas expectativas, pois, como sabemos, nos dias de hoje, a relação entre texto e leitor é bem mais diferente do que outrora. A recepção do texto hoje não é marcada pela passividade, pelo contrário, o sujeito/leitor constrói o sentido do texto a partir do linguístico, do extralinguístico e de todo o conhecimento de mundo que possui, ou seja, de um modo totalmente ativo (BEAUGRANDE, 1997; DASCAL, 1999 e KOCH, 2004 *apud* KOCH, 2016).

Assim, valorizarmos toda a riqueza dos contos murilianos é fator importante não apenas para o conhecimento de sua obra e sua forma de escrever, mas, principalmente, para sabermos que, se existe uma escola de literatura fantástica no Brasil, Murilo Rubião é, sem sombra de dúvidas, um dos maiores expoentes.

Quanto a sua estrutura, este trabalho está configurado da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos o Realismo Mágico, trazendo o seu contexto, sua figura mais representativa – Murilo Rubião, e apresentando esse tipo de literatura como uma vertente da literatura fantástica. Na segunda seção, colocamos no bojo da discussão as veredas insólitas dos contos murilianos, a partir de um mergulho em suas principais obras. Ainda nesta seção, apresentamos e discutimos as famosas epígrafes que antecedem os contos murilianos, uma marca do autor. Por fim, trazemos as considerações finais, a partir de uma retomada da discussão e do objetivo proposto.

2 O REALISMO MÁGICO E SEU CONTEXTO

O *Realismo Mágico* é uma das vertentes da literatura fantástica, que tem o fantástico como elemento de destaque, mas, com conotações bem diferentes do totalmente fantástico, isto é, aquilo que surge a partir de narrativas exclusivamente ficcionais, cujo foco são elementos e personagens que não fazem parte do mundo real, mas, do surreal, do absurdo, do inalcançável, do extraterreno, e que portanto, não encontram na ciência, razão para a sua existência, limitando-se estritamente ao plano do fantasioso, isto é, totalmente além da realidade humana.

Etimologicamente, o termo fantástico vem do latim *phantasticus*, que também tem procedência do grego *phantastikós*. Ou seja, em ambos os casos, a ideia é de fantasia, como bem assevera o *Dicionário da Língua Portuguesa* Evanildo Bechara em relação ao conceito de fantástico, isto é, “que só existe na fantasia, imaginário, extraordinário, fabuloso” (BECHARA, 2011, p. 630).

A literatura fantástica, em sua concepção de origem, está centrada em tudo aquilo que espanta, aterroriza, hipnotiza e encanta o ser humano, que geralmente não está preparado para lidar com algo desconhecido, como por exemplo, mortos levantando de caixões em pleno velório, ou em festas noturnas em cemitérios; animais comportando-se como criaturas humanas, metamorfoseando-se, falando e agindo como se fossem humanos; monstros de pedras ou de árvores a assustar os terráqueos; vampiros sedentos à procura de corpos para se saciar; dragões cuspidos fogo e destruindo tudo o que veem pela frente; demônios adentrando nos corpos dos humanos, levando-os à loucura; bruxas voando em vassouras mágicas, entre outros. Trata-se, nesse contexto, de ações irreais e imaginárias com as quais a condição humana ainda não é capaz de lidar.

Vale ressaltar que o fantástico, na sua elasticidade semântica, não está atrelado apenas às coisas negativas, mas também às positivas, como é o caso dos contos de fadas em que sapos se transformam em príncipes, casebres em castelos encantados, abóboras em lindas carruagens e bonecos em humanos, como é o caso do famoso *Pinochio*, só para ilustrar alguns exemplos. Com efeito:

[...] tal gênero abandonou a sucessão de acontecimentos surpreendentes, assustadores e emocionantes para adentrar esferas temáticas mais complexas. Devido a isso, a narrativa fantástica passou a tratar de assuntos inquietantes para o homem atual: os avanços tecnológicos, as angústias existenciais, a opressão, a burocracia, a desigualdade social. Assim, o gênero fantástico deixou de ser apenas narrativa de entretenimento, pois “não cria mundos fabulosos, distintos do nosso e

Emelson José Silva dos Santos | Jilda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

povoados por criaturas imaginárias, mas revela e problematiza a vida e o ambiente que conhecemos do dia a dia” (VOLOBUEF, 2000, p. 110 *apud* LOURENÇO; MOURA, 2009, p. 1-2).

Nessa linha de raciocínio, de acordo com Rubião:

Conforme a ciência, o capitalismo e a tecnologia foram se estabelecendo e o mundo foi se tornando menos misterioso e encantado, também o fantástico passou a retratar o homem moderno, submetido a um mundo cada vez mais complexo, cujo funcionamento ele não é mais capaz de compreender. Assim, os absurdos presentes no texto acabam por denunciar o absurdo da condição humana (RUBIÃO, 2010, p. 8-9).

Nesse contexto, observa-se que, durante muito tempo, muitas coisas que ocorriam no contexto social foram alvo de questionamentos por parte dos indivíduos, que não mais acreditavam que a razão e o pensamento lógico dariam conta de explicar todos os fenômenos existentes. Diante da perplexidade humana frente a questões existenciais, novas formas de pensar e de interpretar a realidade foram surgindo. Ou seja, a partir de diversas inquietações, novas maneiras de enxergar a vida, o homem, a sociedade e a realidade emergiram, revelando a obscuridade que até então existia.

É nesse contexto que surge o *Realismo Fantástico/Mágico*, um novo ramo da literatura voltado para a aproximação entre o real e o irreal, a partir de narrativas que dão conta de quebrar a barreira existente entre ficção e realidade. Ou seja, o interesse dessa vertente literária é usar fatos inexplicáveis, isto é, do plano do impossível, do inverossímil, para chegar ao real, isto é, aquilo que realmente existe, mesmo que esteja preso nas profundezas do pensamento.

Assim, o *Realismo Mágico* surge justamente como uma vertente da literatura fantástica, utilizando da mesma a sua característica mais marcante – o fantástico -, mas, enveredando por caminhos bem distintos, cujo foco central é a realidade, afastando-se e criando uma característica própria. Ou seja, essa forma de fazer literatura tem o real como foco, e o fantástico como elemento necessário para causar um efeito de estranhamento no leitor que, geralmente não questiona a existência das coisas e dos seres, pois, a forma peculiar como a narrativa é produzida, isto é, com personagens e cenas aparentemente absurdos, acabam sendo encaradas como cenas tipicamente reais da vida.

Apesar de no século XIX o fantástico já aparecer, mesmo que indiretamente em algumas obras de alguns escritores brasileiros, a exemplo de Álvares de Azevedo, em *Noite na*

Emelson José Silva dos Santos | Jailda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

Taverna (1855), Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e Mário de Andrade, em *Macunaíma* (1928) (SANTOS, 2006).

O surgimento do fantástico tal qual defendemos nesse trabalho, isto é, o fantástico atrelado ao realismo, nomeado de *Realismo Fantástico/Mágico* ou *Realismo Maravilhoso* (como é visto em espanhol), tem o século XX como o marco de seu surgimento, e, Murilo Rubião como a figura mais célebre, apesar de outros nomes como José J. Veiga, Luís Bustamente e Dias Gomes terem corroborado também para o crescimento dessa vertente literária que encantou e encanta milhares de leitores não apenas no Brasil, mas também na América Latina, uma vez que escritores do *Realismo Maravilhoso* também se destacaram em outros países latino americanos, a exemplo de Gabriel García Márquez, Jorge Luís Borges, Júlio Cortázar, Alejo Carpentier, José J. Veiga e Manoel Scorza³⁹.

O *Realismo Mágico*, na perspectiva desses autores, ganha forma a partir da ligação estabelecida entre os personagens e os espaços nos quais as narrativas são produzidas, espaços esses que, devido à grande conexão com seus personagens, acabam se tornando espaços “mágicos”, onde o que antes não era possível, considerado inalcançável, passa a ser, sem a necessidade de imagens ou elementos de outros mundos, isto é, do sobrenatural em seu sentido literal.

Nesse sentido, segundo Bessière, (1974 *apud* CAMARANI, 2008, p. 01), o termo “fantástico”, refere-se de fato a “uma categoria literária reconhecida e codificada, que se caracteriza pela contradição e pela recusa mútua e implícita de duas ordens – o natural e o sobrenatural”.

É justamente a contradição e a recusa recíproca entre as ordens do real e do sobrenatural, aliadas à ambigüidade delas decorrente, o que diferencia a categoria do fantástico da do realismo mágico, esta última caracterizada pela compatibilidade entre natural e sobrenatural, entre real e irreal, sem criar tensão ou questionamento. Dessa forma, temos duas categorias literárias distintas, mesmo que aparentadas pela utilização do elemento sobrenatural ou insólito ao lado do real no universo da narrativa (CAMARANI, 2008, p. 01).

Ou seja, se na categoria fantástico, de modo amplo há tensão e questionamento dos leitores em relação aos fatos e acontecimentos insólitos que permeiam a narrativa, de modo distinto, na categoria *Realismo Mágico*, a tensão diante do sobrenatural ao lado do real, apesar de causar inicialmente uma certa perplexidade nos leitores, pela forma peculiar como a narrativa

³⁹ Disponível em <https://www.infoescola.com/literatura/escritores-do-realismo-magico/>. Acesso em 08 set. 2020.

Emelson José Silva dos Santos | Jailda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

é produzida, logo vai desaparecendo e sendo aceita como real, como algo que faz parte do cotidiano dos personagens. Murilo Rubião fazia isso com muita propriedade em suas obras. Talvez, o fato de ele reescrever seus textos de forma incansável, tentando atingir o melhor da linguagem, fosse o diferencial para ele conseguir esse efeito de sentido, ou seja, tornar o irreal algo real. “O realismo fantástico é uma forma de a gente ver o centro da realidade. O que está por trás da realidade. O que, às vezes, não é muito visível para as pessoas. Como autor, é sempre uma maneira de ver essa realidade. Mas tudo é profundamente real” (RUBIÃO, 1990, p. 05).

Corroborando essa linha de pensamento, o discurso fantástico tal qual defende o autor torna-se ainda mais interessante devido à antinomia entre o real e o irreal, ao contraste entre razão e desrazão, características típicas da literatura muriliana. Um exemplo claro disso são as metamorfoses pelas quais passa o coelhinho Teleco (BESSIÈRE, 1974 *apud* SANTOS, 2006).

Sendo assim, nota-se que, na obra muriliana, a busca clara pela fusão entre o real e o irreal é uma constante, e isso é feito de forma muito inteligente pelo autor que, ao fazê-lo, utiliza um efeito de sentido tão forte que faz com que o leitor, por um instante, não perceba que dentro da narrativa há elementos do sobrenatural.

O que ocorre, na verdade, é que nos contos murilianos, uma das características mais marcantes é a ausência do elemento surpresa, isto é, aquele que faz o leitor se questionar, se assustar, perder por um longo tempo o sentido, o equilíbrio diante do texto lido. É como se o inesperado não existisse e, ao adentrar profundamente no texto, tudo passa a ser possível, sem nenhuma espécie de contestação. Isso fica bastante perceptível no conto *Alfredo*, conto de Murilo Rubião, no qual Alfredo, protagonista, passa por um processo de metamorfose para se transformar num dromedário. À primeira vista, a presença de um dromedário num ambiente comum (uma vila), deveria ser motivo de espanto, medo ou admiração, por se tratar de algo irreal naquele ambiente, como o dromedário, animal típico da Ásia, parente do camelo. No entanto, essa transformação não causa efeito algum nos moradores da vila, que ao perceberem sua transformação, agem de forma natural, como se nada houvesse acontecido, o que acaba quebrando o efeito da surpresa. Do ponto de visto do leitor, no início ele pode até achar determinada situação inusitada, mas, adentrando na história, acaba aceitando-a como real.

Emelson José Silva dos Santos | Jailda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

Nesse contexto, vale sinalizar que o leitor até pode sentir-se incomodado, assustado e tomado por alguns sustos (inicialmente), mas os personagens, em momento algum deixam transparecer essas coisas, mesmo diante de eventos insólitos, pois é esse o universo do *Realismo Mágico*, usar a criatividade na escrita e na interpretação, para aproximar o irreal do real.

Nota-se, com base no contexto analisado, que o *Realismo Mágico*, apesar de ficcional, se apresenta no contexto literário como uma ampliação da realidade, incorporando traços do maravilhoso, como a metamorfose, como uma forma de ir de encontro à realidade e suas nuances. Assim, todos os pensamentos que rondam a mente humana passam a ser inseridos nas narrativas de modo tão natural que traz a ideia de que é apenas a ampliação do real.

Vale salientar, frente ao exposto, que nas obras murilianas, o fantástico tem geralmente dois propósitos: prender o leitor através de uma narrativa bem escrita, levando-o ao caminho do deleite, e tecer críticas à sociedade, aproximando o sobrenatural e o fantástico para lembrar conflitos típicos da existência humana, com todas as suas problemáticas.

Em *O Ex-Mágico da Taberna Minhota*, o patrão do protagonista, que era mágico, após vê-lo ser aplaudido pelo público e não demonstrar nenhuma satisfação, o olhava com indiferença, principalmente quando as palmas vinham das criancinhas (RUBIÃO, 2010). “Por que me emocionar, se não me causavam pena aqueles rostos inocentes, destinados a passar pelos sofrimentos que acompanhavam o amadurecimento do homem” (RUBIÃO, 2010, p. 4). Ou seja, nota-se, nos contos de Murilo Rubião, a presença de questionamentos acerca da existência humana e, tais questionamentos, vêm geralmente de seus protagonistas que, ao longo da narrativa, vão passando a ideia de que a vida é uma experiência ruim e sem solução, pois no convívio social, marcado pelas relações artificiais entre as pessoas, o que mais se percebe são coisas ruins que degradam a condição humana.

No conto *O Ex-Mágico*, o protagonista demonstra todo o seu descontentamento por não conseguir criar um mundo mágico que favorecesse a humanidade e a livrasse das mazelas sociais. Também mostra o seu descontentamento por não conseguir tirar a própria vida, mesmo sendo mágico e tentando de várias maneiras. Assim, o fantástico é utilizado

justamente para facilitar a compreensão da vida humana sob a ótica de seus personagens, com todas as problemáticas que lhes são peculiares.

Mas por que será que Murilo Rubião não é tão reconhecido pelos leitores brasileiros atualmente, apesar de ter sido o pioneiro do *Realismo Mágico* no Brasil, ter seus livros publicados há mais de 50 anos e de ter sido muito elogiado por escritores e críticos importantes?

Analisando atentamente a sua obra, depreende-se que, um dos possíveis motivos para que Rubião seja desconhecido do grande público pode ser o fato de suas obras serem apenas contos (33 ao todo), já que ele reunia contos para montar seus livros. Como se sabe, os contos não têm uma relevância comercial assim como têm os romances. Em nenhum momento de sua carreira como escritor ele publicou qualquer trabalho em outra vertente. Assim, leitores não adeptos a contos, provavelmente não teriam interesse em ler seus livros. Talvez outro motivo seja a peculiaridade de sua escrita, incompreendida por muitos, pois, ao aproximar o real e o fantástico, algo com o qual os leitores não estavam acostumados, já que a literatura brasileira passeava por outras vertentes, ele acabasse, sem querer, afastando os leitores, que julgavam sua escrita estranha e incompreensível.

A sofisticação da obra muriliana, dado o seu grande potencial, tornava muitos dos seus escritos incompreensíveis para muitos leitores, uma vez que não conseguiam enxergar as informações subjacentes ao texto, esabarrando na primeira camada linguística (o texto propriamente dito). Ao se deparar com algumas passagens, muitos leitores esbarravam no estranhamento, marca registrada de sua obra, interrompendo a leitura, ora por instantes, ora de forma definitiva.

Entretanto, é justamente o estranhamento uma das marcas da obra muriliana. Conseguir esse efeito de sentido não era muito fácil, por isso que ele demorava tanto para escrever. Hoje, praticamente 73 anos após o início de sua primeira obra, o leitor já consegue perceber com mais clareza o propósito da escrita desse autor, razão pela qual se faz necessária a divulgação de sua obra para além das Minas Gerais.

É notório que, em Minas Gerais, haja uma divulgação maior de sua obra, já que ele é prata da casa, mas, dada a sua importância na literatura brasileira através de uma vertente literária diferente e desconhecida do grande público, é bastante relevante que os estudantes de outras partes do país tenham o conhecimento de quem foi Murilo Rubião e do que foi o *Realismo Mágico* no contexto literário nacional.

3 AS VEREDAS INSÓLITAS DOS CONTOS MURILIANOS

Se há algo que chama a atenção nos contos murilianos, além de seu dom para a escrita, são as veredas insólitas que os permeiam, não fossem elas, talvez a sua obra não tivesse uma marca tão peculiar. O insólito em seus contos aparece de forma tão marcante, que o leitor atento logo percebe o traço de sua escrita.

Em *O Ex-Mágico da Taberna Minhota*, primeiro conto do autor, que também deu nome ao primeiro livro, o protagonista extraia almoços de dentro do paletó; cobras, coelhos e lagartos de dentro do chapéu; sacava lençol do bolso, urubu da gola do paletó, fazia deslizar cobras das calças e surgir por entre os dedos um jacaré, o qual transformava numa sanfona e tocava o Hino Nacional da Conchinchina (RUBIÃO, 2010).

Aparentemente, ao se deparar com esses trechos acerca de mágica, o leitor não tem nenhuma espécie de surpresa, afinal, faz parte do ofício dos mágicos fazer essas coisas. Mas, por um instante, o leitor é surpreendido com o fato de o mágico finalizar a apresentação tocando o Hino Nacional da Conchinchina, quando, pela lógica, ele deveria tocar o Hino Nacional Brasileiro, pelo menos era isso que o leitor esperava. Mas, isso não é um problema na narrativa muriliana, pois, mesmo não havendo explicações racionais, as coisas que acontecem, por mais que sejam esquisitas, não quebram o andamento da narrativa, pelo contrário, costumam ser aceitas como parte natural do cotidiano dos personagens. Nesse conto, o protagonista tenta parar de fazer mágicas, mas não consegue, por mais que tente, que exagere nas tentativas.

Numas dessas vezes, irritado, disposto a nunca mais fazer mágicas, mutilei as mãos. Não adiantou. Ao primeiro movimento que fiz, elas reapareceram novas e perfeitas nas pontas dos tocos de braço. Acontecimento de desesperar qualquer pessoa, principalmente um mágico enfasiado do ofício. [...] concluí que somente a morte poria fim ao meu desconsolo. [...] firme no propósito, tirei dos bolsos uma dúzia de leões e, cruzando os braços, aguardei o momento que seria devorado por eles. Nenhum mal me fizeram. [...] imploraram-me que os fizesse desaparecer. [...] Não consegui refrear a raiva. Matei-os todos e me pus a devorá-los. Esperava morrer, vítima de fatal indigestão.

Emelson José Silva dos Santos | Jilda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

[...] tive imensa dor de barriga e continuei a viver. [...] Afastei-me da zona urbana e busquei a serra. Ao alcançar seu ponto mais alto, que dominava escuro abismo, abandonei o corpo ao espaço. Senti apenas uma leve vizinhança da sensação da morte: logo me vi amparado por um paraquedas. [...] adquirir uma pistola. Em casa, estendido na cama, levei a arma ao ouvido. Puxei o gatilho, à espera do estampido, a dor da bala penetrando na minha cabeça. Não veio o disparo nem a morte: a máuser se transformara num lápis (RUBIÃO, 2010, p. 6).

Assim, percebe-se claramente as características dos contos murilianos, fazer coisas aparentemente absurdas se transformarem em coisas perfeitamente normais, dando uma leve impressão de estar no plano da realidade e de não haver nada de insólito. Mas isso não é fácil de fazer, precisa-se de uma técnica apurada, técnica essa que o autor dominava como poucos.

Ao se tornar funcionário público numa Secretaria de Estado, após ouvir um homem triste dizer que ser funcionário público era suicidar-se aos poucos (RUBIÃO, 2010), o protagonista viveu a amargura dos contatos constantes com os homens, contatos esses que não tinha quando era mágico, pois havia uma distância entre ele e o público. Mas, na posição de funcionário público, tinha que fazer o maior dos esforços para compreendê-los e disfarçar a náusea que eles o causavam. No dia a dia da função de funcionário público, o ócio passou a incomodá-lo.

O pior é que, sendo diminuto meu serviço, via-me na contingência de permanecer à toa horas a fio. E o ócio levou-me à revolta contra a falta de um passado. Por que somente eu, entre todos os que viviam sob os meus olhos, não tinham alguma coisa para recordar? Os meus dias fluuavam confusos, mesclados com pobres recordações, pequeno saldo de apenas três anos de vida (RUBIÃO, 2010, p. 8).

Observando cuidadosamente essa passagem da obra de Murilo Rubião, dá a impressão de que, nesse momento específico da vida desse personagem, o ex-mágico e agora funcionário público, o personagem faz lamentações que extrapolam a ficção, chegando à própria vida do autor. Isso fica nítido em trechos de auto-retrato, de Murilo Rubião, como se percebe na passagem a seguir:

[...] Meu pai, homem de boa cultura humanística, era filólogo e pertenceu à Academia Mineira de Letras. Escrevia com rara elegância, apesar de gramático. Dele herdei a timidez e um certo ar cerimonioso, que me tem privado da simpatia de numerosas pessoas. Algumas delas mulheres, o que é lamentável. [...] Muito poderia contar das minhas preferências, da minha solidão, do meu sincero apreço pela espécie humana, da minha persistência em usar pouco cabelo e excessivos bigodes. Mas, o meu maior tédio é ainda falar sobre a minha própria pessoa⁴⁰.

Esse trecho do auto-retrato do autor deixa marcas de lamentações pessoais dele, pois, sua timidez, herdada do pai, dificultava a aproximação das pessoas, principalmente das mulheres,

⁴⁰ Disponível em <https://carrancasliterarias.blogspot.com.br/2016/01/o-universo-magico-poetico-e-insolito.html>. Acesso em 20 mar. 2020.

Emelson José Silva dos Santos | Jilda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

como ele próprio afirma. Além disso, em outro trecho de seu auto-retrato, ele revela sua condição de celibatário, ou seja, “que ou quem não se casou; solteiro; próprio de solteirão” (BECHARA, 2011, p. 399). Por isso, as lamentações de não ter o que recordar da vida, resumindo-a a apenas três anos de vida.

Como diz um famoso ditado popular, “quem espera, sempre alcança”, e foi o que aconteceu com o ex-mágico, de tanto tentar parar de fazer mágicas, mas com tentativas frustradas, por um bom tempo, ele conseguiu. A partir de então, ele se tornou funcionário público, como já exposto em passagens dessa análise, mas, o tédio e a burocracia do ofício eram tão grandes que, em determinado momento ele tentou lançar mão de suas mágicas para ver se dava um pouco mais de alegria à vida. Foi quando descobriu que o dom de fazer mágica havia sumido junto com a burocracia, sendo visto como louco quando tentava, em vão, fazer alguma mágica. “Por instantes, imagino como seria maravilhoso arrancar do corpo lenços vermelhos, azuis, brancos, verdes. Encher a noite com fogos de artifício. [...] E os aplausos dos homens de cabelos brancos, das meigas criancinhas” (RUBIÃO, 2010, p. 12).

No conto *O Pirotécnico Zacarias*, nota-se claramente a influência de Machado de Assis, pois, o protagonista que narra a história está morto, assim como ocorre em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, tanto é que o próprio Rubião, durante uma entrevista, admitiu ter escrito esse conto inspirado na obra de Machado de Assis.

Mas onde está de fato o insólito em *O Pirotécnico Zacarias*? Em várias passagens do mesmo, onde ações incomuns são subvertidas em algo totalmente natural, algo conseguido por meio de uma escrita marcada pela criatividade.

[...] Teria morrido o pirotécnico Zacarias? [...] as opiniões são divergentes. Uns acham que estou vivo — o morto tinha apenas alguma semelhança comigo. Outros [...] acreditam que a minha morte pertence ao rol dos fatos consumados e o indivíduo a quem andam chamando Zacarias não passa de uma alma penada, envolvida por um pobre invólucro humano. Ainda há os que afirmam de maneira categórica o meu falecimento [...] Uma coisa ninguém discute: se Zacarias morreu, o seu corpo não foi enterrado. A única pessoa que poderia dar informações certas sobre o assunto sou eu. Porém estou impedido de fazê-lo porque os meus companheiros fogem de mim, tão logo me avistam pela frente. Quando apanhados de surpresa, ficam estarelecidos e não conseguem articular uma palavra. Em verdade morri, o que vem ao encontro da versão dos que creem na minha morte. Por outro lado, também não estou morto, pois faço tudo o que antes fazia e, devo dizer, com mais agrado do que anteriormente. A princípio foi azul, depois verde, amarelo e negro. [...] Quando tudo começava a ficar branco, veio um automóvel e me matou (RUBIÃO, 2010, p. 1-3).

Emelson José Silva dos Santos | Jailda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

O protagonista do conto narra como se deu a sua morte e como as pessoas se comportavam diante do ocorrido. E faz isso de modo tão divertido, que o leitor passa a se identificar com a história e por instantes, ficar com dúvidas se Zacarias morreu ou se continua vivo. A atmosfera do conto propicia ao leitor mergulhar nas peripécias do morto-vivo, algo possibilitado pelo fantástico de Rubião, algo que também se percebe na passagem seguinte:

Os rapazes [...] se puseram a discutir qual o melhor destino a ser dado ao cadáver. [...] Também o ambiente repousava na mesma calma e o cadáver — o meu ensanguentado cadáver — não protestava contra o fim que os moços lhe desejavam dar. A ideia inicial, logo rejeitada, consistia em me transportar para a cidade, onde me deixariam no necrotério. [...] Um dos moços, [...] propôs que se deixassem as garotas na estrada e me levassem para o cemitério. [...] consideraram [...] me lançar ao precipício [...] Mas aquele seria um dos poucos desfechos que não me interessavam. Ficar jogado em um buraco, no meio de pedras. [...] - Alto lá! Também quero ser ouvido. Jorginho empalideceu, soltou um grito surdo, tombando desmaiado, enquanto os seus amigos, algo admirados por verem um cadáver falar, se dispunham a ouvir-me. [...] Se a um deles não ocorresse uma sugestão, imediatamente aprovada, teríamos permanecido no impasse. Propunha incluir-me no grupo e, juntos, terminarmos a farra, interrompida com o meu atropelamento. Entretanto, outro obstáculo nos conteve: as moças eram somente três, isto é, em número igual ao de rapazes. Faltava uma para mim e eu não aceitava fazer parte da turma desacompanhado. O mesmo rapaz que aconselhara a minha inclusão no grupo encontrou a fórmula conciliatória, sugerindo que abandonassem o colega desmaiado na estrada. Para melhorar o meu aspecto, concluiu, bastaria trocar as minhas roupas pelas de Jorginho, o que me prontifiquei a fazer rapidamente (RUBIÃO, 2010, p. 5-14).

Essa cena do conto é muito divertida pela forma como é desenvolvida. Um defunto opinando a respeito do destino do seu corpo, depois de muitas dúvidas por parte dos rapazes e das moças que o atropelaram e mataram, seguido da conclusão inesperada por parte dos vivos, de abandonar o companheiro desmaiado e ceder seu lugar no carro e suas roupas para o morto participar da farra, algo totalmente absurdo no plano da realidade, pois, quem já se viu abandonar um amigo desmaiado numa estrada e, ainda por cima, ceder seu lugar a um morto? Isso é absurdo no plano do realismo comum, mas, totalmente possível no *Realismo Fantástico* de Murilo Rubião.

No conto *Bárbara*, o traço mais marcante do insólito muriliano são os pedidos inusitados da protagonista, seguido de algumas consequências. Quanto mais ela pedia, mais engordava. Engordava assustadoramente. Engordou tanto que, “vários homens, dando as mãos, uns aos outros, não conseguiriam abraçar” (RUBIÃO, 2010, p. 10).

Esse conto, assim como alguns outros do autor, é marcado pela figura de linguagem hipérbole, como visto na passagem citada no parágrafo anterior pelo próprio autor. Em outra passagem, a hipérbole também se faz presente, como em “o menino tinha que ser carregado

Emelson José Silva dos Santos | Jilda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

nos braços, pois anos após o seu nascimento, continuava do mesmo tamanho, sem crescer uma polegada” (RUBIÃO, 2010, p. 7-8).

Uma característica marcante nesse conto é a quebra de expectativa do leitor, pois durante a narrativa, o enredo toma um caminho, o qual o leitor vai acompanhando e prevendo o desenrolar das ações, imaginando que vai acontecer uma coisa e, geralmente, acaba acontecendo outra bastante improvável, mas, é tão bem feito que o leitor até pode ficar se questionando por alguns momentos, porém, em relação aos personagens, não há a quebra de expectativa, uma vez que eles aceitam os acontecimentos como eles são organizados pelo autor. Algumas passagens desse conto ilustram bem essa quebra de expectativa do leitor, como se nota a seguir:

[...] implorei que pedisse algo. Pediu o oceano. Não fiz nenhuma objeção e embarquei no mesmo dia, iniciando longa viagem. Mas, frente ao mar, atemorizei-me com o seu tamanho. Tive receio de que minha esposa viesse a engordar em proporção ao pedido, e lhe trouxe somente uma pequena garrafa contendo água do oceano. No regresso, quis desculpar meu procedimento, porém ela não me prestou atenção. Sofregamente, tomou-me o vidro das mãos e ficou a olhar, maravilhada, o líquido que ele continha. Não mais o largou (RUBIÃO, 2010, p. 4-5).

A quebra de expectativa desse trecho se dá em dois momentos: primeiro, quando o leitor imagina que o marido da protagonista do conto vai lhe trazer o oceano, no entanto, o que ele trás é uma simples garrafa com água do mesmo. Segundo, quando o leitor imagina que a protagonista vai ficar uma fera ao receber uma simples garrafa com água do oceano ao invés do próprio oceano, porém, ela não tem nenhuma reação contrária, e fica a admirar o “oceano” dentro da garrafa.

Em outra passagem do conto, percebe-se a mesma quebra de expectativa por parte do leitor, como se pode observar:

Vi Bárbara, uma noite, olhando fixamente o céu. Quando descobri que dirigia os olhos para a lua, larguei o garoto no chão e subi depressa até o lugar em que ela se encontrava. Procurei, com os melhores argumentos, desviar-lhe a atenção. Em seguida, percebendo a inutilidade das minhas palavras, tentei puxá-la pelos braços. Também não adiantou. O seu corpo era pesado demais para que eu pudesse arrastá-lo. Desorientado, sem saber como proceder, encostei-me à amurada. Não lhe vira antes tão grave o rosto, tão fixo o olhar. Aquele seria o derradeiro pedido. Esperei que o fizesse. Ninguém mais a conteria. Mas, ao cabo de alguns minutos, respirei aliviado. Não pediu a lua, porém uma minúscula estrela, quase invisível a seu lado. Fui buscá-la (RUBIÃO, 2010, p. 11-12).

Nessa passagem, a quebra de expectativa se dá também em dois momentos: primeiro, quando o marido da protagonista, ao vê-la olhando fixamente para o céu, acha que ela vai pedir a lua. Ou seja, a organização do conto leva o leitor a imaginar que ela fará o pedido e que o marido

Emelson José Silva dos Santos | Jailda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

atenderá. Nesse momento, ocorre a quebra da expectativa, uma vez que Bárbara pede apenas uma minúscula estrela. Segundo, quando o marido de Bárbara respira aliviado, pois, o leitor chega a imaginar que o alívio se dá pela ausência de pedido, quebra de expectativa interrompida quando ela faz o pedido e ele vai buscar a estrela sem fazer nenhuma espécie de hesitação.

Analisando o conto por um outro viés, observa-se que o objetivo do autor com o mesmo era abordar a temática do consumo, muito presente no mundo capitalista, no qual, muitas pessoas preocupam-se mais com o ter do que com o ser. Bárbara começou pedindo coisas simples, mas, com o passar do tempo, foi pedindo coisas cada vez mais caras, levando o marido à falência. Isso é muito comum na sociedade. O consumismo desenfreado tal qual temos visto, tem modificado o modo de as pessoas se comportarem, muitas delas entrando num abismo, assim como ocorreu com Bárbara.

No conto *Teleco, o Coelhoinho*, também podemos perceber muitas veredas insólitas, como veremos a seguir:

– Moço, me dá um cigarro? A voz era sumida, quase um sussurro. Permaneci na mesma posição em que me encontrava, frente ao mar, absorvido com ridículas lembranças. O importuno pedinte insistia: – Moço, oh! Moço! Moço me dá um cigarro? Ainda com os olhos fixos na praia, resmunguei: Vá embora, moleque, senão chamo a polícia. – Está bem, moço. Não se zangue. E, por favor; saia da minha frente, que eu também gosto de ver o mar. Exasperou-me a insolência de quem assim me tratava e virei-me, disposto a escorraçá-lo com um pontapé. Fui desarmado, entretanto. Diante de mim estava um coelhinho cinzento, a me interpelar delicadamente: – Você não dá é porque não tem, não é, moço? O seu jeito polido de dizer as coisas comoveu-me. Dei-lhe o cigarro e afastei-me para o lado, a fim de que melhor ele visse o oceano (RUBIÃO, 2010, p. 1-2).

Quem já viu um coelho falante? Só mesmo a literatura para nos fazer pensar nessa possibilidade e, Rubião fez isso com muita criatividade nesse conto. À primeira vista, sem ver o ser que lhe indagava, o homem já fazia um juízo de valor precipitado, achando se tratar de um garoto de rua a pedir-lhe um cigarro, algo comum nas praias e nos centros das cidades grandes. Mas, após a ousadia do pequeno ser, que agia muito seguro de si mesmo, o homem resolveu virar para ver a criatura que o incomodava. Para a sua surpresa, era um coelho falante e delicado.

Apesar da surpresa, o homem não se assustou nem ficou espantado com a descoberta de um coelho falante e, ainda por cima, fumante (já que o seu objetivo era conseguir um cigarro). O

homem, naturalmente, deu-lhe o cigarro e a cena continua normalmente, como se nada de insólito houvesse.

Mas, o mais marcante do conto *Teleco* eram as suas metamorfoses. O coelhinho se transformava nos animais os mais distintos possíveis com uma tremenda facilidade. Transformara-se tanto que teve vontade de ser humano de verdade. Tanto tentou que conseguiu, porém, diante de todos os esforços realizados durante sua infinidade de transmutações, ele conseguiu virar humano, mas, uma pobre criança encardida, que não teve forças suficientes para viver.

2.1 As famosas epígrafes que antecedem os contos murilianos

Dentre tudo o que se discutiu até o momento, são muitos os adjetivos para qualificarmos Murilo Rubião, sendo o que mais combina com ele *pirotécnico*, mas não por acaso, simplesmente pelo fato de sua obra ser bastante explosiva, cheia de detalhes. Uma obra rica, que tem o poder de cativar o leitor e prendê-lo na trama da narrativa, uma narrativa em que o inverossímil é colocado como algo totalmente próximo da realidade humana.

E o que dizer das famosas epígrafes do autor? Elas são parte de todos os seus contos e, um detalhe especial é que a maioria delas são bíblicas, o que, por um instante, pode levar o leitor a imaginar que Murilo Rubião era um adepto de uma dada religião, mas, não é bem assim. Como já foi visto em passagens desse trabalho, em seu auto-retrato, Murilo era um celibatário e sem crença religiosa, inclusive, o próprio alimentava uma sólida esperança de se converter ao catolicismo antes de morrer. Murilo Rubião teve os seus primeiros contatos com a Bíblia Sagrada na biblioteca de seu pai, paralelamente ao contato com os clássicos da literatura mundial.

As epígrafes por ele utilizadas, na verdade, objetivavam contextualizar o texto que iria ser apresentado, ganhando novos sentidos durante e no final da narrativa. Por meio das epígrafes, dos seus elementos subjacentes, o autor visava mostrar ao leitor as dimensões mais amplas do homem, ou seja, aquilo que se encontra para além da sua condição de humano.

Nesse contexto, analisemos as quatro epígrafes que antecipam os quatro contos que compuseram o corpus desse trabalho.

2.1.1 O ex-mágico da taberna minhota

Este conto apresenta a história de um funcionário público em momento de nostalgia, lembrando os bons anos de sua vida, quando era mágico, quando sua vida tinha um mínimo de alegria e movimento, diferentemente da vida de funcionário público, cuja monotonia e tédio o levam a refletir sobre sua vida e sobre sua vontade de morrer. Seu propósito, quando deixou o circo, foi exercer uma função impregnada de tédio, capaz de levá-lo à morte, pois como mágico, ele não conseguiu esse feito. A seguir, podemos notar a epígrafe que Murilo Rubião escolheu para este conto.

Inclina, Senhor, o teu ouvido, e ouve-me; porque eu sou desvalido e pobre.
(Salmos. LXXXV, I)

Nessa epígrafe, depois de ter analisado esse conto, nota-se que ela complementa o contexto da narrativa, pois o protagonista, ao pedir ao Senhor para ouvi-lo, se lamenta pela condição de sua existência, o que fica claro durante todas as tentativas do mesmo para se livrar da vida.

Assim, analisando o contexto desse conto, bem como a epígrafe que o antecede, percebe-se que os esforços empreendidos pelo mágico para adaptar-se ao mundo foram imensos e, mesmo sendo capaz de fazer todos os tipos de magia, a principal ele não conseguia – uma que lhe tirasse a vida, já que não suportava viver num mundo tão insosso como o que vivia. Passou a viver na burocracia do serviço público, na tentativa de morrer de tédio. Não conseguiu. Na verdade, o conto e todas as suas nuances trata de questões existencialistas, uma vez que o protagonista questiona a própria existência.

2.1.2 O pirotécnico zacarias

Neste conto, há uma série de questionamentos do narrador acerca da morte do Pirotécnico Zacarias. No entanto, à medida que se lê o texto, vai se percebendo que o morto é o próprio narrador da história. Ou seja, um morto que não entende porque seus amigos e outras pessoas se assustam com ele quando dão de cara com ele na rua, tentando explicar que está vivo. É um conto bastante divertido, porque um morto-vivo conta todo o percurso de como se deu sua morte. Abaixo, podemos observar a epígrafe escolhida para este conto.

“E se levantará pela tarde sobre ti uma luz como
a do meio-dia; e quando te julgares consumido,

nascerás como a estrela d'alva".
(Jó, XI, 17).

Nessa passagem de Jó, percebe-se a questão da ressurreição, o que aconteceu com o personagem Zacarias que, por um instante estava vivo, depois morreu vítima de atropelamento, recuperando os sentidos alguns instantes depois. Por instantes, o morte não sabe se está morto ou vivo, e isso é bem inusitado, desorientando por instantes também o leitor. Observa-se também a intertextualidade com a ressurreição de Cristo.

Neste conto, percebe-se a dificuldade que é narrar tendo um personagem ora se passando por morto, ora por vivo. É uma forma tão peculiar de narrar que deixa o leitor, em muitos momentos, perplexo, chegando a se questionar: afinal, Zacarias morreu ou não? Ao refletir acerca deste conto, automaticamente nos vem à mente a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, isto é, uma intertextualidade. Essa criatividade na escrita prova, de uma vez por todas, o porquê de Murilo Rubião ser um ícone para os críticos literários.

2.1.3 Bárbara

Trata-se de uma mulher movida a desejos, mas não desejos emocionais, mas de consumo. Qualquer coisa que chamasse sua atenção, por mais impossível que parecesse, ela queria, colocando seu esposo para realizar todos os seus desejos, não importando a forma. Apesar de ser um casal, não havia nenhuma espécie de apego da parte dela. O que importava mesmo era a satisfação de seus desejos de consumo. O engraçado deste conto é que a realização dos desejos de Bárbara tinha um preço. A cada conquista, ela engordava quilos e mais quilos, atingido a obesidade mórbida. Na sequência, podemos apreciar a epígrafe escolhida para este conto.

“O homem que se extraviar
Do caminho da doutrina,
terá por morada a assembleia
dos gigantes”.
(Provérbios, XXI, 16)

Essa epígrafe, numa interpretação ampla, tomando como contexto o de *Bárbara*, discute o afastamento de Deus por parte das pessoas, muito presente na sociedade. Em tempos marcados pelo capitalismo, pelo consumismo e pela vontade de sempre querer mais, mesmo que esse mais seja supérfluo, o ser está ficando esquecido. Foi o que aconteceu com *Bárbara*,

Emelson José Silva dos Santos | Jailda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

só pensava em ter mais e mais, nunca estava satisfeita. Mesmo engordando por conta de seus pedidos, ela não se dava conta de que a engorda poderia ser o castigo pela sua ambição. Engordou tanto que suas formas ficaram indescritíveis – uma verdadeira gigante, como está explícito na epígrafe.

A respeito do conto *Bárbara*, devido aos pedidos inusitados e sem limites que ela fazia, acabou enveredando por um caminho sem volta – o da obesidade, tornando-se um “monstro”, devido às formas que ganhou juntamente com todos os seus pedidos.

Numa visão crítica, percebe-se que a vontade insaciável de Bárbara pode ser vista na nossa sociedade, no desejo desenfreado das pessoas de consumirem o tempo todo. Consume-se o que não é necessário, o supérfluo, somente para alimentar o ego e os cofres de uma sociedade capitalista.

2.1.4 Teleco, O coelhinho

Teleco é um coelhinho com um dom especial: o da metamorfose. Ele pode se transformar no animal que quiser, e faz isso com frequência sempre que quer agradar alguém, principalmente seu dono. Um certo dia, seu dono se apaixona por uma mulher, mas, ao pedi-la em casamento, ela recusa, o que o deixa triste a ponto de colocar Teleco para fora de casa. Com o passar do tempo, de tanto metamorfosear-se, Teleco não consegue ficar por muito tempo transformado em um animal, a transformação é feita em espaços de tempo muito curtos, ou seja, ele perde o controle da situação, findando-se numa criança encardida e morta, para a tristeza do dono. A seguir temos a epígrafe escolhida por Rubião para este conto.

“Três coisas me são difíceis de entender, e uma quarta eu a ignoro completamente: o caminho da águia no ar, o caminho da cobra sobre a pedra, o caminho da nau no meio do mar, e o caminho do homem na sua mocidade”.
(Provérbios 30, 18-19)

Dessa epígrafe, pode-se depreender com base nos implícitos do conto narrado que, por trás da história de um coelho que sofre uma série de metamorfoses à procura de uma identidade, há uma reflexão sobre a trajetória do homem durante sua vida, uma vez que a vida é permeada por metaforfosos, mas não como as que ocorriam com Teleco. Trata-se das transformações cotidianas, que ocorrem com todas as pessoas, ajudando-as a descobrir/construir sua identidade.

Emelson José Silva dos Santos | Jilda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

Ao fazermos uma análise das metamorfoses de Teleco, não parece algo de outro mundo, pois podemos pensar em números de mágica, já que o dono de Teleco, durante o conto, se torna mágico. O que marca a construção do conto é a vontade do coelhinho de se tornar humano, mas, encontra a resistência do homem com quem morava, que não o aceitava como humano. Sem a aceitação do outro, Teleco não via motivo para ser humano. Ou seja, há também subjacente neste conto questões existencialistas, isto é, de um coelho que questiona a própria existência, findando-se morto. Não por coincidência, nos quatro contos analisados, todos os protagonistas têm finais tristes, mais uma das características da escrita muriliana.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho se incumbiu de refletir acerca da rica prosa muriliana, apresentando os resultados de sua obra a partir da análise de quatro contos bastante conhecidos dos leitores e críticos de Rubião: *O Ex-Mágico da Taberna Minhota*, *O Pirotécnico Zacarias*, *Bárbara* e *Teleco, o Coelhinho*.

Como forma de contextualizar o trabalho e dar ao leitor uma ideia clara do mesmo, foi feita uma apresentação do *Realismo Mágico*, trazendo informações a respeito do seu início, de sua relação com a literatura fantástica e das semelhanças e diferenças existentes em relação ao fantástico voltado para o sobrenatural (o totalmente fantástico), e o fantástico voltado para o real (o Realismo Fantástico).

As veredas insólitas dos contos murilianos foram apresentadas, retiradas especificamente dos quatro contos analisados. Também foi feita uma apreciação das epígrafes que acompanham seus contos e analisadas com atenção as relações existentes com os textos para as quais foram propostas.

Ao retomarmos o objetivo deste trabalho: apresentar alguns resultados de reflexões acerca da prosa de Murilo Rubião, a partir da análise de algumas de suas obras mais explosivas, concluímos que a literatura muriliana, pelo seu potencial, e por ser uma vertente da literatura geral brasileira, é de grande importância para a ampliação do repertório dos alunos em leitura. O realismo mágico não é uma literatura conhecida do grande público, mas, com uma

Emelson José Silva dos Santos | Jilda Evangelista do Nascimento Carvalho | José Batista de Souza

divulgação e valorização maior do trabalho de Murilo Rubião, é possível que muitos alunos enveredem pela obra deste autor e desfrute de toda a riqueza que lhe é peculiar.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2011.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. Murilo Rubião e o Realismo Mágico. In : **XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências**, 1, 2008, São Paulo. Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC. São Paulo : USP, 2008.

CASTRO, Luiz Neves de. Egrégora Carrancas Literárias: o universo mágico, poético e insólito dos contos de Murilo Rubião. Disponível em: <https://carrancasliterarias.blogspot.com/2016/01/o-universo-magico-poetico-e-insolit.html>. Acesso em 20 mar. 2020.

KOCH, Ingedore ; ELIAS, Maria Vanda. O texto na linguística textual. In : BATISTA, Ronaldo de Oliveira. (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo : Parábola Editorial, 2016. P. 31-44.

LOURENÇO, Daiane da Silva; MOURA, Wilson Rodrigues de. A Função do Fantástico nos Contos de Murilo Rubião. In: **IV Encontro de Produção Científica e Tecnológica**, 4, 2009. Paraná. Anais. Paraná: FECILCAM, 2009. p. 1-12.

RUBIÃO, Murilo. **O homem do boné cinzento e outras histórias**. São Paulo: Ática, 1990.
RUBIÃO, Murilo. **Murilo Rubião: obra completa**. [e-book]. São Paulo: Jutoh, atualizado em 2010. [Consulta em 18 de ago. 2017]. Disponível em:
<https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-nacional/contos-e-cronicas/obra-completa-murilo-rubiao-livro-de-bolso-22119838>.

SANTANA, Ana Lúcia. **Escritores do Realismo Mágico**. Disponível em:
<https://www.infoescola.com/literatura/escritores-do-realismo-magico/>. Acesso em 08 set. 2020.

SANTOS, Luciane Alves. A metamorfose nos contos fantásticos de Murilo Rubião. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, n. 03, p. 186-199, jul/dez 2006.